

CULTIVO E CUIDADO: ETNOCONHECIMENTO DAS MULHERES EM SEUS QUINTAIS AGROFLORESTAIS NA AGROVILA PRINCESA DO XINGU**CULTIVATION AND CARE: ETHNOBOTANICAL KNOWLEDGE OF WOMEN IN THEIR AGROFORESTRY BACKYARDS IN THE AGROVILA PRINCESA DO XINGU**

Kézia Oliveira Lima¹
Elisangela Enes Alves de Sousa²
Carla Giovana Souza Rocha³
Monique Medeiros⁴

Data de submissão: 10.04.2025

Data de aprovação: 21.08.2025

Este ensaio etnofotográfico é resultado de uma atividade de campo realizada na disciplina "Desenvolvimentos, Territórios e Políticas Públicas na Amazônia", do Programa de Pós-graduação em Estudos em Etnodiversidade (PPGEtno) da Universidade Federal do Pará (UFPA). A atividade permitiu aprofundar a compreensão sobre as representações culturais, sociais e ambientais no território da Agrovila Princesa do Xingu, situada a 27 km da sede do município de Altamira, no Sudoeste do Pará.

A pesquisa que originou este ensaio teve como objetivo entender o papel dos quintais agroflorestais manejados pelas mulheres para o fortalecimento das tradições culturais, trocas de saberes e de práticas conectadas à natureza. Esses espaços combinam espécies florestais, agrícolas, medicinais e ornamentais ao redor das residências e promovem a diversidade de espécies naturais, são ambientes que possibilitam a criação de pequenos animais como aves e mamíferos que contribuem para a segurança alimentar. Esses espaços, portanto, não são apenas produtivos, mas também locais de aprendizado contínuo, onde a troca de saberes é constante. Através de práticas como o cultivo de ervas medicinais, o cuidado com o solo e a preservação de sementes crioulas, as mulheres da Agrovila desempenham um papel crucial na manutenção da identidade cultural e na construção dos etnoconhecimentos junto às novas gerações.

Para realizar a pesquisa, foi conduzida uma investigação qualitativa, observação direta e registro fotográfico. As entrevistas com duas mulheres possibilitaram o acesso a suas narrativas sobre as memórias da origem da Agrovila. As interlocutoras destacaram que a Agrovila Princesa do Xingu é formada no contexto da construção de um grande projeto governamental: a Transamazônica. Oficialmente chamada de BR-230, é uma das maiores e mais ambiciosas obra rodoviária do Brasil, atravessando grande parte da região amazônica. Inaugurada em 1972 durante o governo militar, a Transamazônica foi concebida como parte de um projeto de integração nacional, com o objetivo de ligar as regiões Norte e Nordeste do país. Estudos, como os de Lima e Smith Júnior (2019), evidenciam como os movimentos migratórios influenciaram a organização da estrada, moldando a paisagem e afetando as dinâmicas sociais e econômicas da região.

¹ Engenheira Agrônoma, mestranda em Estudos em Etnodiversidade (UFPA). Coordenadora do PAA na Rede Terra do Meio. E-mail: keziaxingu@gmail.com

² Literata (UFPA), mestranda em Estudos em Etnodiversidade (UFPA). E-mail: profia.px@gmail.com

³ Docente da UFPA, Campus de Altamira, Faculdade de Etnodiversidade; Doutorado em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFGRS). E-mail: crocha@ufpa.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7066-0480>

⁴ Professora na UFPA, atuando no Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF) e no Programa de Pós Graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA/UFPA). Doutora em Agroecossistemas (UFSC/PPGA). E-mail: mmedeiros@ymail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8789-0621>

No contexto dos movimentos migratórios, as mulheres desempenham um papel fundamental na organização da agrovila e na manutenção dos laços sociais. Desde o início, elas lideram a gestão de suas unidades de produção, cuidando dos quintais como extensões do lar, o que se torna central em suas práticas. Segundo Leal et al. (2020), essa atuação vai além da produção agrícola, contribuindo para um ambiente social coeso e solidário.

Esses quintais funcionam como espaços de resistência e empoderamento, predominantemente cultivado por mulheres; são espaços que combinam práticas agrícolas e florestais, geralmente integrando espécies frutíferas, hortas, essências florestais e também a criação de pequenos animais (Sousa et al., 2020; Calegare; Higuchi, 2016). Tais espaços fornecem produção diversificada, soberania alimentar e construção de conhecimentos que envolvem os mais jovens, além de produtos para a economia local, permitindo às mulheres terem maior autonomia financeira. Além dos alimentos produzidos nos quintais promoverem uma alimentação mais saudável, eles reduzem a dependência das famílias quanto à aquisição de produtos industrializados, desafiando o modelo agrícola moderno-industrial e suas narrativas hegemônicas.

Esse ensaio etnofotográfico busca registrar e valorizar esses territórios do cotidiano, revelando o etnoconhecimento das mulheres da Agrovila Princesa do Xingu em sua relação com a terra. Ao trazer imagens que emergem da experiência vivida, propõe-se um olhar sensível e político sobre os quintais como lugares de saber, afeto e transformação.

Nesse sentido, o pensamento de Krenak (2020) oferece uma chave importante para compreender essas práticas. O autor aborda a relação entre a humanidade e a natureza sob a perspectiva de grupos marginalizados, como indígenas, quilombolas e agricultores familiares. Ao destacar essas comunidades, frequentemente excluídas das narrativas dominantes da modernidade, Krenak (2020) ressalta uma visão holística e conectada com o ambiente e os elementos que o compõem. Para ele, esses grupos historicamente relegados possuem uma visão holística da natureza que transcende as fronteiras das abordagens utilitaristas e economicistas vigentes nas sociedades industrializadas. O autor evidencia que para essas comunidades, a relação com a natureza não se restringe a uma utilização exploratória dos recursos naturais, mas envolve uma troca mútua.

Assim, ao dialogar com os saberes e práticas das mulheres nos quintais agroflorestais e com as reflexões de autores como Krenak, este ensaio, por um lado, aponta para a urgência de repensar as relações de poder que moldam o atual modelo de desenvolvimento. E, por outro lado, evidencia a valorização de uma visão que inclui a pluralidade cultural e as sabedorias ancestrais como elementos fundamentais para um futuro mais justo e equitativo. Nesse sentido, propõe-se, aqui, a abertura de espaços para imaginar futuros enraizados na interdependência entre as formas de vida e nas práticas do cuidado profundamente inspirados no trabalho das mulheres em seus quintais agroflorestais, seja nas grandes cidades ou nas comunidades tradicionais.

REFERÊNCIAS

CALEGARE, M.G.A.; HIGUCHI, M.I.G. Transformações das Identidades Coletivas em Comunidades no Alto Solimões/AM. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.32, n.3, 20, p. 1-9, jul./ set. 2016.

DIAS, O. C.; LOPES, M. R.; AGUIAR, A.; MEDEIROS, M.; TECCHIO, A. Quintais agroflorestais amazônicos: o protagonismo das mulheres quilombolas no baixo Tocantins, PA. **Desenvolvimento Rural Interdisciplinar**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 46-73, mai./nov. 2020.

LEAL, L. S. G.; FILIPAK, A.; DUVAL, H. C.; FERRAZ, J. M. G.; FERRANTE, V. L.S. B. Quintais produtivos como espaço da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais. **Perspectivas em**

Diálogos, Naviraí, v. 7, n. 14, p. 31-54, jan./jun. 2020.

LIMA, S. S.; SMITH JÚNIOR, F. P. Princesa do Xingu: colonização e migração na Amazônia paraense. **Nova Revista Amazônica**, Belém, v. VI, n. 2, p. 139-159, jun. 2018.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SOUSA, W. L.; SANTOS, A. O.; SERRÃO, E.M.; GAMA, A.S.P.; VIEIRA, T.A. Quintais agroflorestais e trabalho da mulher em espaço periurbano: um estudo de caso em Santarém, Pará, Brasil. **Research Society and Development**, v.9, n.12, 2020.







